

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos atra.
E se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMÓES, e, VII e 14.

Diretor Presidente
Paulo Cabral de Araújo
Diretor de Redação
Luiz Adolfo Pinheiro

Diretor Vice-Presidente
Ari Cunha
Diretor Técnico
Ari Lopes Cunha

Diretor Gerente
Evaristo de Oliveira
Diretor Comercial
Mauricio Dinepi

Realidade cruel

Não são apenas os indicadores formais que demonstram a gravidade da crise econômica brasileira e, por extensão, o nível alcançado pelo processo recessivo. Sinais não convencionais também despointam aqui e ali para revelar o panorama turbulento das relações econômicas, principalmente quanto aos padrões de bem-estar social do povo. As quedas significativas no consumo de proteínas básicas, como carne e feijão, fazem transparentes as carências provocadas pela depressão econômica, o principal efeito do radicalismo no combate à inflação.

A concorrência ao concurso público para o provimento de cargos na carreira inicial do Banco do Brasil é sintomática da realidade cruel experimentada hoje pelo País. Nada menos de um milhão e 265 mil candidatos, aí incluídos 36 mil do Distrito Federal, habilitaram-se à disputa em oito estados, malgrado a existência de apenas dois mil e 500 vagas. É fato absolutamente inédito na história do Banco, sobretudo porque a remuneração das funções postas em acesso, via concurso, não chega a oitocentos mil cruzeiros. O número babilônico de candidatos inscritos é uma projeção a ser decodificada pelo Governo.

Os dados aí expostos exprimem as imensas taxas de desemprego geradas pela recessão e a angústia daqueles que, expelidos do mercado de trabalho, recorrem a todas as opções para sobreviver. Trata-se de uma reação de causa e efeito não apenas circunscrita ao âmbito das oportunidades criadas pelo Banco do Brasil, mas generalizada a todos os segmentos da sociedade. Qualquer concurso hoje, seja para garí ou contínuo, ou outras funções modestas, mobiliza inusitado interesse, com a inscrição de milhares de candidatos. Frequentemente, é possível flagrar nas listas de habilitação pessoas portadoras de cursos superiores,

levadas pela ferocidade da crise a aceitar qualquer emprego. Antes a humilhação do que ficar inviável diante da vida.

Estatísticas elaboradas fora da área oficial, mas procedentes de instituições sérias, indicam a existência em São Paulo de aproximadamente dois milhões de desempregados. É, com certeza, a mais abrangente desativação da força de trabalho da história contemporânea. Pelo que é possível enxergar-se em São Paulo, maior centro industrial do País, pode-se intuir a dimensão do desemprego em escala nacional, muito embora a inexistência de números absolutos confiáveis.

A desmobilização da força de trabalho como consequência da síndrome recessiva não oferece a visão completa da realidade social, no particular. Sabe-se que dois milhões e 500 mil jovens anualmente, e pela primeira vez, se apresentam ao mercado de trabalho. Tais contingentes juntam-se hoje aos demais desempregados para formar uma legião de carentes e, assim, tornar mais aguda a crise social.

O tema comportaria veicular extrações econômico-sociais da mesma ou de maior gravidade. Todavia, basta aquilo que salta aos olhos do observador, por mais desatento, para recomendar a adoção de medidas o mais rapidamente possível.

Cumpre superar de pronto a fase recessiva e reconduzir a Nação aos projetos de desenvolvimento, pois é claro não existir outra forma de assegurar aos trabalhadores acesso justo e adequado ao mercado de trabalho. A fermentação social já é inquietadora. Urge administrar o sistema econômico com energia inabalável, mas conservar espaços necessários de manobra para arredar de cena agentes desestabilizadores de efetivo potencial. O desemprego, na dimensão atual, é, sem a menor dúvida, um deles.